

ATUAÇÃO CLÍNICA DA MUSICOTERAPIA NO PARANÁ

RESSONÂNCIAS NA HISTÓRIA - PARTE I

Mônica M. Bigarella

A clínica musicoterápica no CENTRAE completará 20 anos no final deste ano. Significa que falar desta atuação clínica é falar da história, não só da Musicoterapia no Paraná, mas da própria história do CENTRAE.

Desde 1981, a fundação deste CENTRO INTEGRADO DE ATENDIMENTO ESPECIALIZADO visava a clínica interdisciplinar e buscava um atendimento clínico de excelência. Nessa época, os sócios fundadores acreditavam ser inovador pensar a clínica como uma possibilidade de atendimento integrado. Era uma nova face da clínica que se apresentava interdisciplinar, quando em Curitiba pouco se conhecia dessa forma de trabalho. A proposta, onde várias disciplinas poderiam fazer laços, representava um desafio, por conter ao mesmo tempo um avanço e um impasse.

O desafio foi aceito, introduzindo a diversidade de atendimentos especializados e realizando avaliações diagnósticas e tratamentos com faixas etárias diferentes e uma clientela com etiologias extremamente variadas. Durante sete anos (1982 - 1989) abrigou uma Escola Especial - a ESCOLA ALTERNATIVA. Foi necessário estabelecer um diálogo que se mantivesse vivo ano após ano, caso após caso. Sabíamos que cada especialidade tem seu modo de operar específico.

A Musicoterapia iniciou o atendimento clínico dentro desta proposta e o mantém até hoje. As várias modalidades terapêuticas, o direcionamento clínico e as avaliações possíveis serão apresentadas por Cinira J. Mezzadri.

A Musicoterapia participou, também, do processo pedagógico da construção da Escola Alternativa. Embora essa Escola não esteja mais ligada ao CENTRAE, pois transformou-se numa associação de carácter filantrópico, a musicoterapia persevera no atendimento de uma clientela muito especial.

A Musicoterapia sempre foi um setor específico do CENTRAE, que divide com a Psicologia, a Fisioterapia, a Terapia Ocupacional, a Fonoaudiologia, a Educação Especial, a Psicopedagogia e a Psicanálise a responsabilidade das avaliações e tratamentos.

Todo profissional, independente da área em que atue, ao formar parte da equipe do CENTRAE participa de um processo de formação clínica que é inerente a esse trabalho. Isso não é diferente com os musicoterapeutas. O início da formação clínica já esteve ligado a estágios e, atualmente, reconhecemos que é permanente. Envolve psicoterapia ou análise pessoal, estudos teóri-

cos constantes, apresentação de seu trabalho e supervisões.

A Musicoterapia contribui para o crescimento do CENTRAE e de sua equipe interdisciplinar introduzindo uma faceta de tratamento que resultará em mudanças consideráveis no sofrimento de uma clientela bastante ampla. Auxiliou no planejamento dos tratamentos e pode avaliar ao longo dos anos a utilização de suas técnicas. Participou de debates, seminários, cursos, e da reunião clínica demonstrando como é capaz de abrir um canal de comunicação com as áreas afins.

Por sua vez, o CENTRAE contribui com a Musicoterapia promovendo um constante aperfeiçoamento clínico e uma participação em reuniões (com discussão de casos) e em congressos (com apresentação de trabalhos). O CENTRAE e sua equipe sempre trabalhou e batalhou pela especialização clínica, questionando, solicitando e introduzindo novas formas de atendimentos. Isso criou um laço de trabalho, favoreceu o intercâmbio de idéias e práticas clínicas, inseriu a Musicoterapia acolhendo suas propostas, sua forma de atuação, suas dificuldades e seus impasses. Acreditou na eficácia simbólica de seus procedimentos, como diria C. Levi Strauss.

O trabalho com musicoterapeutas durante vinte anos, nos autoriza a dizer que eles ainda tem grandes desafios a enfrentar.

O primeiro, do reconhecimento da profissão e da concomitante possibilidade de criação de órgãos de representação que definam e sustentem a profissão. São extremamente necessários para a realização de convênios de atendimentos e para o estabelecimento de diálogo com outros profissionais da área de saúde.

O segundo, de preservar na luta pela formação terapêutica de alto nível que incluía, não só um currículo abrangente, mas principalmente, a análise pessoal, para que possa trabalhar, na clínica, livre de seus próprios conflitos.

O terceiro, de intensificar cada vez mais a construção de um corpo teórico que permita estabelecer a inter-relação e diálogo com clínicas de nosso tempo.

O principal desafio, porém, é o descrito por Freud em *Mal Estar na Civilização*. No texto de 1930, preocupado com a evolução da civilização, ele a compara com a luta da espécie humana pela vida. A descoberta freudiana, da luta entre Eros (Pulsão de vida) e Pulsão de morte, e mais ainda, que ambos dividem igualmente entre si o domínio do mundo é o que nos faz trabalhar na clínica. Os musicoterapeutas, podem citar o poema de Heine: "É essa batalha de gigantes que nossa babás tentam apaziguar com sua cantiga de ninar sobre o céu" (Heine, citado por Freud, *Mal Estar na Civilização*).

ATUAÇÃO DA CLÍNICA DA MUSICOTERAPIA NO CENTRAE - PARTE II

Cinira J. Mezzadri

A entrada do paciente em Musicoterapia

1. Através de indicação direta
2. Através de indicação da equipe interdisciplinar, após discussão do caso em reunião clínica.

1. Indicação direta

O paciente vem com a indicação de ser atendido pela Musicoterapia. Normalmente esta indicação é feita por um clínico ou terapeuta de outra especialidade que após o processo de avaliação, faz esse encaminhamento.

Em Musicoterapia, através dos mecanismos específicos de avaliação, fazemos em média duas a três sessões para então, darmos o laudo necessário à direção do tratamento.

2. Indicação através da equipe interdisciplinar

Quando a equipe reúne-se para discutir um novo caso ou um caso já em atendimento por um ou mais terapeutas "apresenta-se" o paciente com seus sintomas, seus significados e, principalmente, com suas características para que seja encaminhado ao Setor de Musicoterapia.

Forma-se a equipe interdisciplinar, a qual estabelecerá uma direção ao tratamento.

A equipe interdisciplinar e a Musicoterapia

O instrumento fundamental de todo trabalho consiste no desenvolvimento da comunicação. É importante que exista segurança e confiança entre os integrantes da equipe.

Deve haver a escuta quanto ao que é do paciente e ao que é do terapeuta e feedback do que ambos manifestam.

Cabe-nos aceitar críticas e sugestões sobre a condução do caso.

Encaminhamentos

Há uma grande diversidade de pacientes a nós encaminhados. Podem ser bebês, crianças, adolescentes ou idosos.

Na reunião clínica após a exposição do caso ou anterior a esta, define-se a qual terapeuta o paciente será indicado. Não há nada que impeça algum de nós de atender qualquer um dos pacientes. O que define é a "pré-disposição" para certas áreas: psiquiátrica, neurológica, pediátrica, geriátrica e/ou gerontológica, pedagógica, stress, depressão, estimulação precoce, alunos de musicoterapia, etc. Isto, exige de cada um, uma melhor formação teórica quanto a quem é o paciente, quanto a quais recursos musicoterápicos deverão e poderão ser utilizados e montar seu repertório.

Cada paciente "produz" o material rítmico sonoro e de movimento a ser usado. Cabe a nós, decodificarmos essa "linguagem" e torná-la uma via de comunicação, facilitando o tratamento.

Sobre o Setor

A convivência no setor propicia um crescimento profissional e pessoal, exigindo respeito e cooperação.

É importante ter ciência da responsabilidade sobre a própria formação.

Qualquer especialidade exige uma formação permanente: estudos isolados e grupais, cursos, seminários, participações em congressos e outros eventos da sua área e afins.

Supervisão

Há necessidade em repensar seus problemas e dificuldades, aceitando ajuda e críticas, estabelecendo realidades e ações. Procurar a "Supervisão" é ajudar-se e ao seu paciente.